

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

MAGISTÉRIO UNIVERSITÁRIO
E
PEDAGOGIA DE SÍNTESE

Rumo à Universidade de Síntese

2022

Muñoz Soler, Ramón Pascual _ 1919

Magistério Universitário e Pedagogia de Síntese / Ramón
Pascual Muñoz Soler

Edição do Autor – 2022

Título original: *Magisterio Universitario
y Pedagogía de Síntesis*

1. Nova Comunidade Universitária
2. Educação para o Futuro
3. Pedagogia de Síntese
4. Reversibilidade de Valores
5. Epistemologia de Síntese /Metodologia de Síntese

Página web: www.egoencia.uno

Tradução para o Português e capa: equipe VL

Edição do Autor - 1ª edição

Obras do mesmo autor:

Livros

Gérmenes de Futuro en el Hombre, Depalma, Buenos Aires, 3ª ed. 1988.

Germes de Futuro no Homem, ECE (Editora de Cultura Espiritual), São Paulo, 1978.

El Camino de la Egoencia (de la angustia existencial a la mística del corazón) Arayu, Buenos Aires, 1ª ed. 1969.

O Caminho da Egoência (da angústia existencial à mística do coração), ECE (Editora de Cultura Espiritual), São Paulo, 1993.

Antropología de Síntesis (Signos, ritmos y funciones del hombre planetario), Depalma, Buenos Aires, 1980.

Antropologia de Síntese (Signos, ritmos e funções do homem planetário), edição do Autor, em Português, 2010.

Anthropologie der Synthese, Verlag der Buchhandlung Daub, 5750 Menden Germany, 1991.

Universidad de Síntesis, Depalma, Buenos Aires, 1984.

Universidade de Síntese, Edição do Autor, em Português, 2022.

Magisterio Universitario y Pedagogia de Síntesis, Depalma, Buenos Aires, 1985.

Reversibilidad de Valores (Donde la luz y el sonido se encuentran), Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2006.

Reversibilidade de Valores (Onde a luz e o som se encontram), ECE (Editora de Cultura Espiritual), São Paulo, 2009.

Reversibility of Values (Where light and sound come together), Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2010.

Triada, Revelación Re-velada (o de la Reconstrucción del Templo), De Profundis, Egoencia, Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2008.

Tríada, Revelação Re-velada (ou da Reconstrução do Templo), De Profundis, Egoência, edição do Autor, em Português, 2010.

Transfiguración Social del Verbo, Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2009.

Transfiguração Social do Verbo, edição do Autor, em Português, 2010.

Gen-ética Social (de la dialéctica de los opuestos a la reversibilidad de valores), Arcana Ediciones, 2011.

Gen-ética Social (da dialética dos opostos à reversibilidade de valores), edição do Autor, em Português, 2013.

Galaxia Humana en In-plosión. Señales A-nunciadoras, Arcana Ediciones, 2012.

Galáxia Humana em In-plosão. Sinais A-nunciadores, edição do Autor, em Português, 2013.

Argentina Pro-fética (canto de los peregrinos antes de nacer), Arcana Ediciones, 2012.

Argentina Pro-fética (canto dos peregrinos antes de nascer), edição do Autor, em Português, 2013.

Conferências

La Egoencia del Ser, ADCEA, Buenos Aires, caderno 2. 1969.

Temática para el futuro, ADCEA, Bs. As., caderno 4. 1971.

Alborada del hombre nuevo, ADCEA, Bs. As., caderno 5. 1971.

Modelos de futuro y estructuras de síntesis, boletim do “Comité Americano de Investigación sobre Temas y Modelos de Futuro” Bs. As., 1974, nº 4.

Cerebro electrónico y expansión de conciencia (de la revolución cibernética a la egoencia del ser), boletim citado, 1975, nº 5.

Señales proféticas en la trama de nuestro tiempo, boletim do “Centro de Estudios Latinoamericanos”, Bs. As., 1982, nº 6.

Folhetos “PEDAGOGIA DE SÍNTESIS”

Taller de Síntesis, nº 0, Bs. As., 1985.

Taller de Síntesis, nº 1, Bs. As., 1985.

MAGISTÉRIO UNIVERSITÁRIO e PEDAGOGIA DE SÍNTESE

Conferência

pronunciada no

“Instituto Félix Fernando Bernasconi”,

a 27 de agosto de 1985,

como participante do ciclo

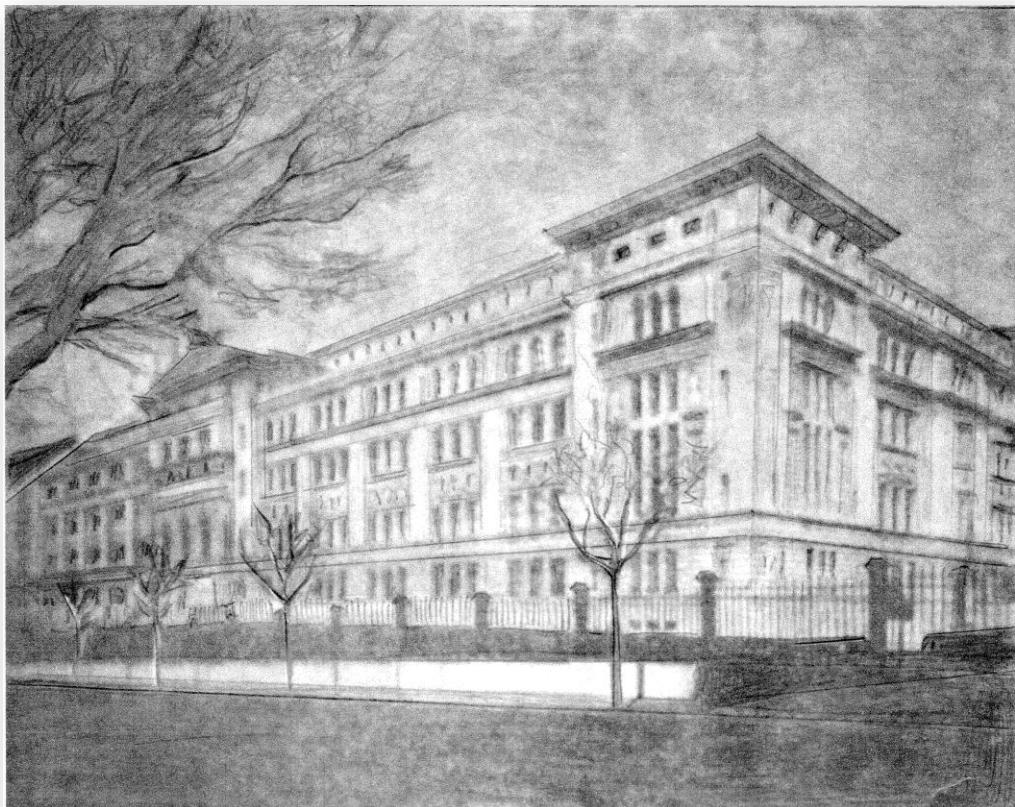
de atividades docentes do “Departamento de

Informática e Investigación Educativa”

da *Dirección de Educación Superior*

Ministerio de Educación y Justicia

(Buenos Aires – Argentina)



Instituto “Félix Fernando Bernasconi”

Dirección Nacional de Educación

Pre-Primaria y Primaria

MINISTERIO DE EDUCACIÓN Y JUSTICIA

Buenos Aires – Argentina

Palavras Iniciais para a edição em Português

Ramón Pascual Muñoz Soler deixou-nos como herança espiritual treze livros – nos quais entrega a sabedoria trazida do luminoso mundo interno onde o homem e o Divino se unem. Essas obras apontam para o homem cósmico e para uma nova Humanidade. Elas nos dizem constantemente que uma nova consciência está emergindo.

Na presente conferência, pronunciada diante de profissionais da Educação interessados por sua ideação espiritual e inovadora, ele transmite sua visão sobre a formação de uma nova comunidade universitária. Sua concepção de um novo modo de encarar a educação do homem aponta para a construção de um homem completo e participativo, capaz de pensar, de amar e de unir-se conscientemente ao Cosmos.

Ramón P. Muñoz Soler – pensador de amplitude incomum em nossa sociedade – abarca com sua visão avançada um leque insuspeitado de conhecimentos: sobre as mais diversas ciências, sobre cientistas, pensadores, místicos e sobre os tempos passados e presentes da humanidade. Desenvolveu sua vida espiritual e sua carreira profissional de forma muito ativa na Argentina. Isto implica que boa parte das constatações práticas de Muñoz Soler tenha surgido do contato com o sistema educacional de seu país.

A conferência aqui publicada o comprova.

*Intuindo a universalidade da obra do autor
e de seu papel no futuro do corpo planetário
– segundo suas próprias palavras –
ao traduzir este livro, escrito na década de 80,
e trazê-lo ao Português em um novo milênio,
tomamos a liberdade de inserir estas palavras
iniciais para que o leitor queira direcionar
os enfoques específicos de espaço argentino
e de tempo do século XX,
localizando-os, dentro do possível,
em um contexto americano e mundial.*

*O espaço e o tempo de plasmação
da Universidade de Síntese são, com certeza,
amplos como a própria
trajetória evolutiva da Humanidade.*

V. L.



Rosario Vera Peñalosa em seu trabalho diário.

ROSARIO VERA PEÑALOSA
1873 – 1950

PROFESSORA DA PÁTRIA

Professou o heroísmo da modéstia.
Sua moral foi sua guia.
O altruísmo, sua lei.

HOMENAGEM
aos professores argentinos
que seguem seu exemplo.

AGRADECIMENTOS

*A meus colaboradores da Oficina de Síntese
que trabalharam no preparo do material didático:*

Coty Monetti, pintora

Rolando Lazarte, sociólogo

Andrés Loiseau, arquiteto

Edith Maldonado, arquiteta

Às professoras

*Eva M. Sarka, chefe do Departamento de Informática e
Investigação Educativa*

Elsa de Raccioppi, professora de Matemática.

À professora Dora Estebanez de Pigni,

Diretora Geral do

Instituto “Félix Fernando Bernasconi”.

À professora Gioconda Albesi,

a cargo do Complexo Museológico.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	15
INTRODUÇÃO.....	19
Fragmentos de uma unidade perdida	21
Magistério universitário.....	25
Barreira semântica.....	28
O que é universidade de síntese?.....	41
Arqui-tectônica, função e sentido	42
Toda a pedagogia de síntese é uma pedagogia do antes.....	43
Da universidade profissionalista à universidade do homem	44
O que é que falta então?.....	48
Por que a Argentina?	50
Resumo.....	53

INTRODUÇÃO

É para mim especialmente significativo que este encontro interdisciplinar se tenha realizado precisamente aqui, neste “Instituto Félix Bernasconi”, pedra fundamental de um projeto de alta hierarquia docente, que sobrevive como símbolo de um magistério argentino e que estende seus braços para o futuro.

Sinto que este lugar está carregado com a força criadora de toda uma geração de professores argentinos – cuja obra, em seu conjunto, configura o que já se pode chamar de “Escola Argentina de Educação”. Modelo educativo profundamente humano, cuja identidade se revela mediante uma “ponte” sutil que estes pedagogos preservaram com muito zelo: o vínculo entre as técnicas pedagógicas, vindas de diferentes partes do mundo, e a alma raiz de nosso povo.

Agradeço às professoras Elsa de Raccioppi e Eva Sarka que me convidaram para estar aqui hoje, junto com vocês. Deram-me assim a oportunidade de apresentar-lhes um tema que tem muito a ver com o papel que poderia caber ao professor argentino, na civilização planetária do terceiro milênio.

O tema é “Magistério Universitário e Pedagogia de Síntese”.

Mas, não é só um tema o que quero lhes apresentar, quer dizer, uma forma de conhecimento objetivo. Senão que, antes de mais nada, apresento-me a mim mesmo como o sujeito e o ser desse conhecimento.

E, nesta *unidade* entre o conhecimento e o ser, nesta *união* entre **o que** se diz e **quem** o diz, vocês terão uma primeira aproximação da ideia de *pedagogia de síntese*.

Desenvolvi esta temática de “unidade do conhecimento” em meu livro “Universidade de Síntese”.

Para que vocês possam entender melhor este modelo de “Universidade de Síntese”, não pensem na Universidade que conhecemos. Quer dizer, não imaginem a Universidade como o degrau mais alto de uma escada ou como o vértice de uma pirâmide. E sim, como o “centro” de todo um sistema integrado de educação permanente.

É a esta totalidade educativa a que me refiro quando falo de Universidade de Síntese.

Esta mudança na geometria do modelo não é só mudança de forma, mas mudança de *função*. Aqui, o “centro de síntese” é o *coração* do sistema circulatório educativo. Expande o conhecimento até os recantos mais afastados do povo e toma a experiência viva do povo como matéria para chegar a níveis mais elevados de consciência.

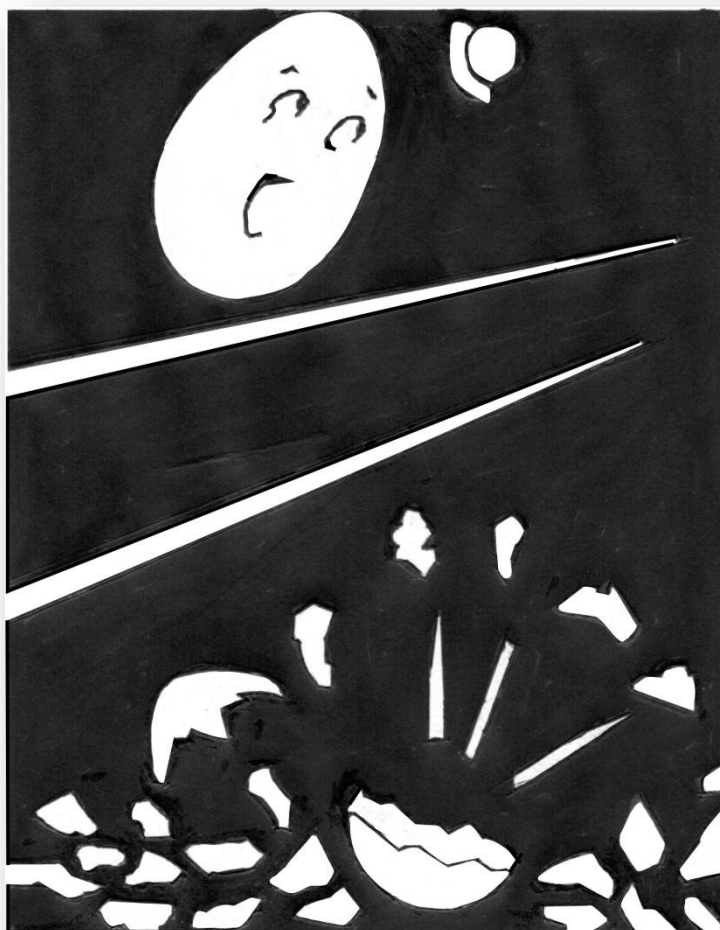
Fragmentos de uma unidade perdida

Não me é fácil explicitar a ideia de Universidade de Síntese. Porque a Universidade de Síntese é algo que ainda não existe.

O único que existe, em termos de Universidade, é uma “galáxia de particularidades”: fragmentos de uma unidade perdida.

Todo o sistema educativo que conhecemos é um campo fragmentado de conhecimentos parciais.

A imagem que segue representa a queda e a fragmentação de “*Humpty Dumpty*”, tema de uma antiga canção infantil de profundo conteúdo simbólico. Nela, vocês vão encontrar um primeiro ponto de aproximação da ideia que vamos desenvolver.



*“Nem os cavalos do rei
nem os homens do rei
puderam armar de novo Humpty Dumpty”.*

Existem a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Engenharia, a de Filosofia e Letras. Existem Departamentos, carreiras maiores e menores: isto é, “fragmentos” de uma unidade perdida. Mas, esta galáxia de particularidades não é a Universidade.

Perdeu-se o vínculo das partes com o todo. Temos o conhecimento das partes, mas perdemos a visão do todo.

Com a Universidade, aconteceu o mesmo que com “Humpty Dumpty”:

“queda” na fragmentação e “perda” da **chave** para voltar a armá-la.

Magistério Universitário

Isto não quer dizer, de modo algum, que a Universidade não cumpra uma função útil e indispensável na formação de técnicos e profissionais que a sociedade requer para fins práticos.

Mas, ela é incapaz, devido a sua própria estrutura, de assumir o magistério universal e planetário, reclamado pelas novas gerações de estudantes.

Este magistério para uma cultura planetária de síntese – que já desponta no horizonte do porvir – não se funda em tal ou qual filosofia da educação, mas em uma

energética de valores reversíveis.

Já veremos, no transcurso desta exposição, o que queremos significar com estes termos.

Dito de outra forma, a seiva que nutre e dá sentido a este magistério de síntese já não circula somente pela árvore do conhecimento, mas também pela árvore da vida.

Não se trata de fornecer *mais* informação (variável quantitativa do conhecimento) e sim, de transmitir certos *traços humanos* (variável qualitativa do ser). Estes são algo assim como ingredientes enzimáticos indispensáveis para iniciar uma nova etapa de desenvolvimento. Não só desenvolvimento de ciência e tecnologia, mas de uma *vida* que possa ser chamada propriamente humana.

Ao dizer humana, esclareço que o magistério de síntese ao qual me refiro não tem nada a ver com uma volta ao humanismo: nem ao humanismo renascentista, nem às doutrinas humanistas modernas – já sejam sociais, políticas ou religiosas.

Magistério de Síntese não é um novo credo. É uma nova vibração.

O ensino na Nova Era não é ideológico e sim, *vibratório*. Aqui, a “mensagem” é a “massagem”, como dizia Marshall McLuhan. Energia radiante do professor desconhecido, “poderosa corrente de mudança acelerada”, como a chama Alvin Toffler. Que não comove as bases de nossos sistemas sociais, políticos e econômicos, mas a própria estrutura de nossa biologia molecular.

O mundo mudou, o *meio* educativo é diferente.

Uma nova “forma de dança”, um novo ritmo da energia-consciência humana.

Tratemos de explicar-nos.

Ainda não compreendemos a revolta estudantil da década de 60 e sua reação em cadeia, mundial. Não soubemos transformar a energia humana que se havia liberado subitamente no planeta. Foram apaziguados os claustros, mas a violência estourou em outro lugar e de outra forma.

No fim, triunfou a velha Universidade, o sistema pedagógico de fragmentação. Ainda não conhecemos o novo magistério.

Temos mais informação, mas menos visão.

Temos mais técnicos e profissionais, mas menos
professores.

Conhecemos melhor as ciências particulares – os restos de
Humpty – mas não temos Humpty!

Barreira Semântica

E aqui vem a primeira pergunta: É possível reconstruir Humpty? É possível recuperar a unidade perdida?

A canção diz, categoricamente, que **não**: “*nem os cavalos do rei nem os homens do rei puderam armar de novo Humpty Dumpty*”.

E, referindo-se à Universidade, Martín Heidegger, um pensador contemporâneo que se adianta à filosofia de seu tempo, diz o seguinte:

“Os domínios das ciências estão muito distantes entre si. O modo de tratar seus objetos é radicalmente diverso. Esta diversa multiplicidade de disciplinas ainda se mantém unida, graças tão somente à organização técnica das universidades e faculdades. E conserva uma significação, através da finalidade prática das universidades. Em troca, o enraizamento das ciências, em seu fundamento essencial, foi perdido por completo.”

E se isso é assim, então Humpty não pode ser reconstruído (“nem os cavalos do rei nem os homens do rei”). E se “o enraizamento das ciências, em seu fundamento essencial, foi perdido por completo”

por que falo eu de “Universidade de Síntese”, dando a entender – mediante essa expressão – que seria possível juntar todos esses pedaços e re-construir a universidade perdida?

Ou seja, eu estaria vindo para propor um novo modelo para armar Humpty!

De nenhuma maneira.

O que acontece é que aqui se apresenta uma primeira dificuldade com a linguagem. Dificuldade encontrada por

todos aqueles que, de uma ou de outra maneira, pretendem transpor a barreira imposta pela estrutura do pensamento racional.

Para que possamos realizar uma adequada comunicação entre nós – e tomar contato com o espírito do que quero transmitir – rogo-lhes que

*não prestem demasiada atenção àquilo que
digo e sim, a **como** o digo.*

É um convite a escutar a carga energética da palavra e descobrir o significado simbólico do gesto (algo assim como uma coreografia da linguagem).

Para além da linguagem conceitual, hoje se requer uma linguagem vibratória, energético-simbólica para passar de uma pedagogia de fragmentação a uma pedagogia de síntese.

A palavra SÍNTESE é equívoca como conceito, mas fecunda como símbolo.

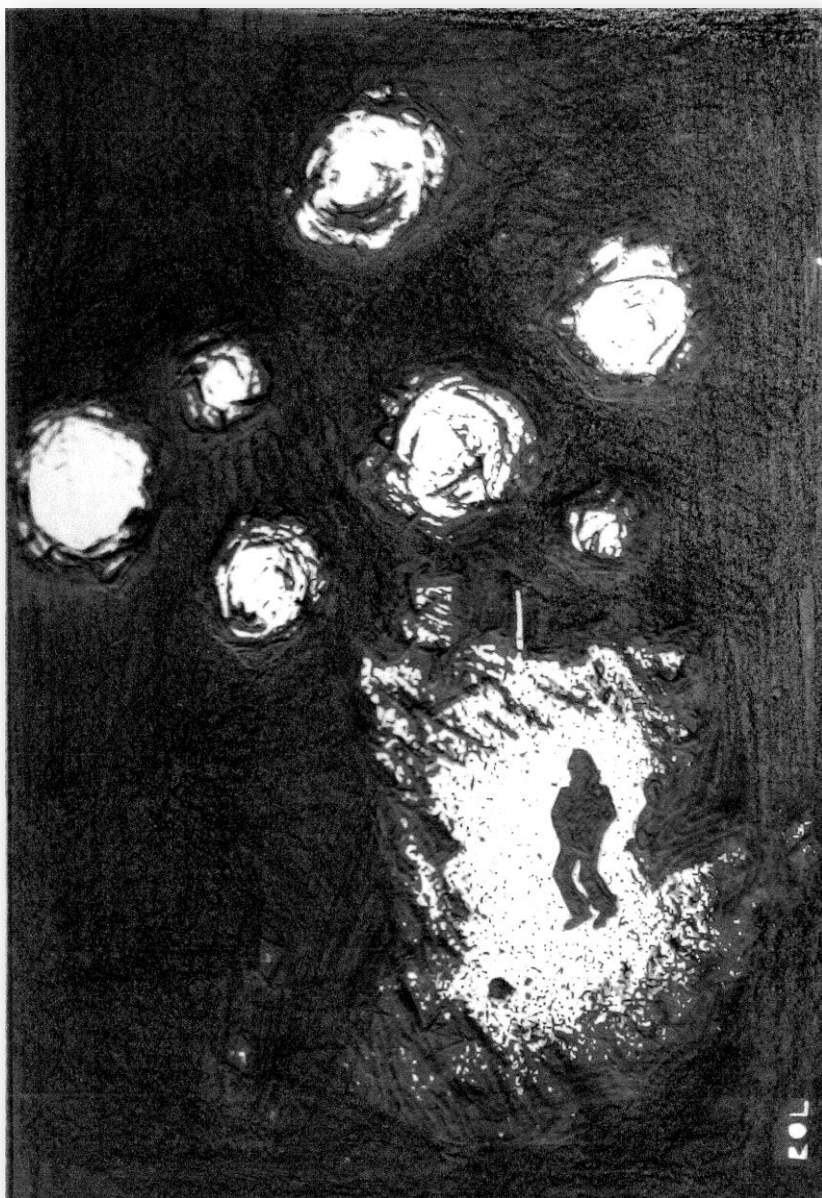
Como conceito, é um momento da dialética e pressupõe a composição de um todo pela soma das partes.

Mas, como símbolo, toda síntese é uma operação que se efetua de uma só vez. Acede ao todo de maneira imediata, sem passar pela soma ou composição das partes.

É nesse sentido abarcante e simbólico que

*tomo a palavra **síntese** para nomear um modelo pedagógico que opera como “meio de união” entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida.*

*Talvez, com a imagem que segue possamos
compreender melhor o que quero dizer:*



“Rompeu-se a antiga aliança.”
Monod

Estes dois caminhos – o caminho do conhecimento e o caminho da vida – ficaram separados na cultura contemporânea.

Ainda mais, o desenvolvimento unilateral do conhecimento hoje se volta contra a vida. A outra face do desenvolvimento científico-técnico se mostra como: contaminação das águas, erosão do solo, poluição atmosférica, chuvas ácidas, resíduos radiativos.

“A ciência que possuímos não pode controlar seus próprios resultados”, diz Georg Picht.

A civilização técnica se encontra frente a dois graves perigos:

*ruptura do equilíbrio da natureza e
desequilíbrio existencial do homem.*

A mesma ciência que abre o caminho para as estrelas fecha o espaço existencial do homem. Deixa-o às escuras frente a seu próprio destino. Dito em termos existenciais: o poder que utilizamos para conquistar o mundo não nos permite sair dele.

Henri Lefèbvre, filósofo francês, crítico da cultura, diz:

“A cultura atual se encontra frente a uma muralha difícil de cruzar. A chave é abrir um novo espaço.”

Aqueles que assistiram ao filme “*The Wall*” (“O Muro”) compreenderão que não é fácil atravessar esse muro.

Em situação análoga, frente à fera que lhe fecha a passagem, Dante ouve a voz de Virgílio: “Te convém outra via” (“*a te conveni un altro viagio*”)

Qual é essa outra viagem?

O caminho de conhecimento em linha reta conduz a “nenhum lugar”. É mais fácil gritar “*para frente*” que “*para onde*”, diz Edward Matchet. A busca desse “aonde” (a pergunta pelo sentido) já não se pode realizar por fora (por fora não há caminho). Deve se realizar por dentro, “remontando a corrente da água”, como diria Leopoldo Marechal.

É o “caminho de retorno”, a “viagem de volta”, a “peregrinação às fontes”. É o outro caminho, o caminho do ser.

A pedagogia de síntese re-une estes dois caminhos que haviam ficado separados: o caminho de ida por fora e o caminho de volta por dentro. Por fora, aprender a conhecer. Por dentro, aprender a ser.

Uma pergunta: como se realiza a transição de um caminho a outro? Girando em sentido contrário os ponteiros do relógio (reversão do tempo)? Ou voltando para trás o filme da vida?

Não. Nem por reversão do tempo nem por retrocesso da vida, mas por

reversibilidade de valores.

Volto à linguagem. Pronunciei uma nova palavra símbolo, “reversibilidade”. É uma palavra de poder, uma “chave” para passar de um mundo a outro. Talvez, um “trans-sistor” na fisiologia do homem cósmico que nasce. Uma “nova função antropológica” para transferir-se de um nível de energia-consciência a outro.

Algo disto falei em meu livro Antropologia de Síntese. E aqueles que leram os relatos de Castañeda entenderão que me refiro ao “corpo alternante”. Por reversibilidade de valores é possível passar da dimensão horizontal do tempo à direção vertical dos significados.

Não é fácil para mim falar destas coisas.

A dificuldade para explicar a natureza destas “pontes invisíveis” é a mesma dificuldade que tenho para “traduzir-me” a mim mesmo, para transferir a experiência unitiva e direta que vivo por dentro, ao campo fragmentado do pensamento racional.

Análoga dificuldade têm hoje (e tiveram sempre) os poetas, os místicos, os astronautas e os cientistas de vanguarda – quando querem explicar os estados transicionais entre mundos diferentes.

Quando Einstein vê que a luz se comporta alternativamente como onda e como partícula; e quando, anos mais tarde, de Broglie e Schrödinger formulam as equações matemáticas de equivalência entre estes dois modos de comportamento, o que fazem é traduzir a visão originária do sujeito para o símbolo matemático.

Estes mestres, mais que cientistas são “homens de visão”. Não só introduzem um instrumento técnico de síntese, senão que eles mesmos **são** a síntese. E a maior dificuldade que têm é traduzir a visão originária para a linguagem dos homens de seu tempo.

Esta é a barreira semântica que separa hoje os homens de visão, dos homens de pensamento. É a mesma barreira que antanho separou os profetas, dos doutores.

Havendo chegado a este ponto, convém que nos detenhamos um momento para sublinhar as ideias principais que foram surgindo até agora.

- *Demonstramos a “fragmentação do conhecimento” e a perda do vínculo das partes com o todo.*
- *Falamos depois do “magistério de síntese” e dissemos que não se fundava em uma nova ideologia, mas em uma nova vibração.*
- *E, por último, destacamos a necessidade – para além da linguagem conceitual – de uma nova linguagem “energético-simbólica”, de ressonância por similitude.*

Feita esta última digressão com respeito à linguagem e aos instrumentos da linguagem, penso que é hora de perguntar-nos:

O que é Universidade de Síntese?

Porque, se bem que não possamos dizer que “consta de” tais ou quais departamentos, carreiras ou faculdades, algo teremos que dizer dela.

Antes de mais nada, e seguindo um pouco os filósofos chineses, direi o que ela **não é**.

Não é um novo sistema, projeto ou plano de estudo. É algo mais profundo.

Não é uma construção do pensamento, mas uma plasmação do Espírito.

Isto, por um lado.

Por outro lado, devo acrescentar que

não é algo que possa nascer em qualquer lugar.

Mas, isso sim, penso que é possível acontecer na Argentina. Já veremos, mais adiante, por quê.

Arqui-tectônica, função e sentido

Ora, se a Universidade de Síntese não pode ser reduzida a um conceito, não é um plano nem um projeto, se não pode nascer em qualquer lugar,

qual é o marco de referência para esboçar, de alguma maneira, a arqui-tectônica, a função e o sentido desse **algo** que ainda não existe, mas que está na mente dos fundadores?

Já dissemos que, antes de mais nada, é “meio de união” entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida. Mas, esta “união” – é preciso entendê-la antes por dentro que por fora, o que equivale a dizer que

**a unidade do homem É
antes que a unidade da ciência.**

Este é o fundamento teórico da pedagogia de síntese.

Toda a Pedagogia de Síntese é uma pedagogia do antes:

antes que se produza a queda na fragmentação

antes da deformação profissionalista, por especialização de funções

antes da cristalização existencial da pessoa

Esta é a missão dos educadores do futuro: **antes** de depositar a informação, abrir o caminho para a visão.

Nada podemos fazer, uma vez que se tenha produzido a queda e a fragmentação. E vocês terão se dado conta de que hoje em dia existe maior preocupação pela terapêutica do que pela educação.

Mas a educação é **antes** que a terapêutica.

Atualmente, os terapeutas suplantaram os educadores.

É um signo do tempo.

O que acontece é que estamos mais doentes. Descemos um degrau mais, passamos da fragmentação do conhecimento à fratura do próprio homem.

Da Universidade profissionalista à Universidade do homem

Produziu-se no homem de nosso tempo uma

**perigosa fratura entre a vontade de poder e
a consciência de ser.**

O grande desafio que nos é proposto pela nascente cultura de síntese não é a pergunta pela unidade da ciência, mas a resposta pela unidade do homem.

O homem dividido é incapaz de síntese.

O que hoje nos orgulha e nos seduz não é o conhecimento, mas o “poder do conhecimento”. Não é a consciência de saber, mas a vontade de domínio.

Queremos *possuir* conhecimento para dominar a natureza e manipular o homem...

apaziguando nossa consciência
com a ideologia de que, no final, as conquistas da
ciência serão derramadas em benefício da Humanidade.

Ainda que os fatos nos mostrem a espada de Damocles
– que pende sobre nossas cabeças em forma de
foguetes teledirigidos, guerra nas estrelas
e chuvas ácidas.

Bem é certo que o poder do conhecimento nos trouxe as vacinas, os antibióticos, os eletrodomésticos, os computadores e as viagens espaciais.

Mas, também é certo que perdemos o dom de entender a linguagem dos pássaros e de compreender-nos a nós mesmos.

Fabricamos objetos práticos, mas perdemos o poder criador. Por fora, vamos à conquista de estrelas distantes. Por dentro, desembocamos no vazio existencial e na perda de sentido.

Esta é a raiz do desequilíbrio existencial do homem contemporâneo.

**A Universidade, nosso sistema educativo têm
respostas para o conhecimento, mas não têm
respostas para o homem.**

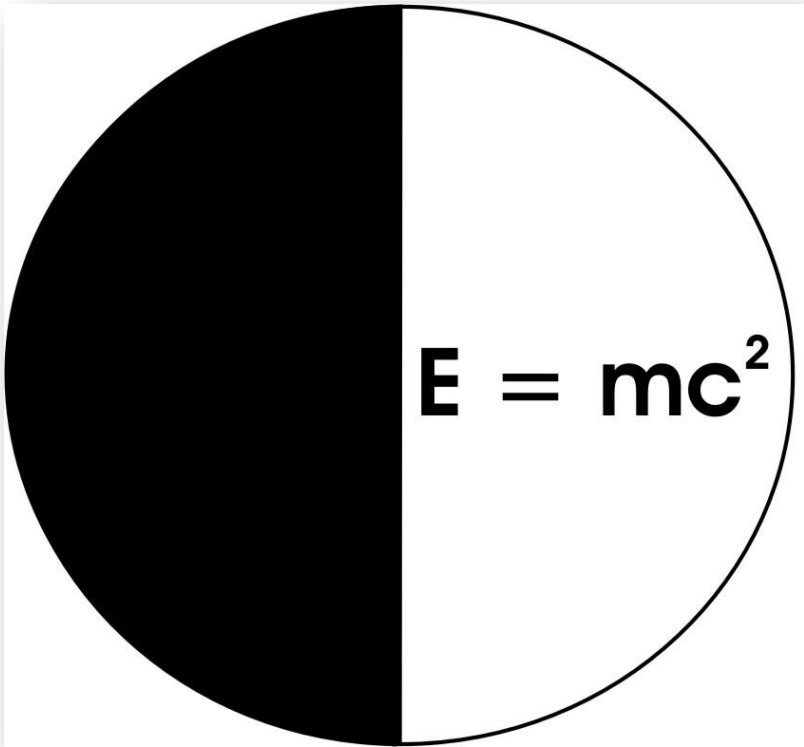
Poder-se-á argumentar, dizendo que o pensamento científico moderno avança em direção a uma concepção holística, cibernética, ecológica – mediante a informática, a teoria geral de sistemas e as fórmulas de campo unificado do mundo físico.

Tudo isto é certo.

Mas, não é menos certo que os “robôs” e a “inteligência artificial” não incluem o homem em seus circuitos integrados: são fórmulas de poder. Por meio delas, podemos transformar as pedras em pão. Mas não nos revelam o sentido da existência.

Elas representam só:

“a metade da fórmula”



São algo assim como “os cavalos do rei”
e “os homens do rei”,
mas não *são* o rei.

O que é que falta então?

Falta o ponto interior de reversão da força.

Dai-me um ponto de apoio e moverei o mundo, dizia Arquimedes. Havia sido descoberta a alavanca da vontade prometeica.

Agora as coisas são diferentes: o signo do tempo mudou, o mundo já não é o mesmo. O ponto de apoio de que necessitamos já não é exterior e sim, interior. Não há ponto de apoio exterior. Todos os pontos de sustento que tínhamos no mundo de ontem foram desestabilizados por essa “poderosa corrente de mudança acelerada”, de que falávamos no começo.

Agora necessitamos descobrir uma nova ‘alavanca’, ativar uma nova função, dentro de nós mesmos: talvez, interiorizar esse “trans-sistor”, ao qual nos referimos há pouco, para

**Reverter a vontade de poder em
expansão de consciência.
E a expansão de consciência em
vontade de participação.**

Faz falta uma nova pedagogia para isso

uma pedagogia de participação
mediante o vínculo mestre-discípulo.

Não é suficiente a informática.

*À relação cibernética "homem-máquina" por fora
corresponde o vínculo "mestre-discípulo" por dentro.*

Os computadores representam hoje a “última palavra” de nossa civilização técnica. Mas, para entrar na nova era, não é suficiente a última palavra, faz falta a “primeira”.

E essa “primeira palavra” não a têm os computadores, têm-na os Mestres.

Não é questão de negar a técnica, mas tampouco é questão de fazer um mito da cibernética, da informática e da teoria geral de sistemas.

Por que a Argentina?

Já entramos na civilização planetária do terceiro milênio.

Cada um dos povos da Terra participa com sua contribuição: ciência, tecnologia, organização.

A Argentina deve dar sua parte.

A Argentina já não é só mestiçagem, crisol de raças, celeiro do mundo. É ponto planetário de gestação de uma nova síntese humana, equilíbrio de forças para a harmonia de valores materiais e espirituais.

Como valores em jogo para esta nova síntese, não surge somente uma “Argentina como pensamento” ou uma “Argentina como sentimento” (para reconhecer com estes termos as obras de autores argentinos que assim o expressaram).

Levanta-se também uma “Argentina como sacrifício”:
sacrifício da Argentina como povo,
oferenda da matéria humana para
uma nova plasmação do espírito
na alma do povo.

Um argentino visionário, Solari Parravicini, lá pelos anos de 1938/39, proferia estas palavras:

“A Argentina sofrerá em pequeno o que o mundo sofrerá depois, em grande. A Argentina será luz.”

São os professores os chamados a participar desta delicada missão educativa.

Missão já não de informação (para isso estão os computadores) e sim, de plasmação.

Como?

Projetando sua própria força vocacional na alma das novas gerações, como fizeram os professores argentinos na primeira hora!

Resumo

Atualmente, os padrões conhecidos em termos de Universidade são apenas fragmentos de uma unidade perdida. Eles constituem uma “galáxia de particularidades”.

O termo “síntese” é equívoco como conceito, mas como símbolo é incitante para o pensamento.

A Universidade de Síntese re-une o caminho do conhecimento com o caminho da vida. Como? Através da reversibilidade humana, transformando o “poder do conhecimento” em “consciência expansiva”. Certamente, uma nova fisiologia.

Uma nova epistemologia e uma nova metodologia: a unidade do homem é anterior à unidade da ciência.

Nova abordagem pedagógica: pedagogia de participação. À relação cibernético-humana por fora corresponde o vínculo humano mestre-discípulo por dentro.